

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Educação em sexualidade a partir da prática de Oficinas didáticas:
Necessidades e possibilidades dos adolescentes**

Elisa Colombini

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal de Uberlândia, para a obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia - MG
Fevereiro – 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Educação em sexualidade a partir da prática de Oficinas didáticas:
Necessidades e possibilidades dos adolescentes**

Elisa Colombini

Prof^a Dr^a Nora Ney Santos Barcelos

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Uberlândia, para a
obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Uberlândia - MG
Fevereiro - 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Educação em sexualidade a partir da prática de Oficinas didáticas:
Necessidades e possibilidades dos adolescentes**

Elisa Colombini

Prof^ª Dr^ª Nora Ney Santos Barcelos

Instituto de Biologia

Homologado pela coordenação do Curso
de Ciências Biológicas em / /


Prof^ª Dr^ª Vera Lúcia Campos Brites

Uberlândia - MG
Fevereiro - 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Educação em sexualidade a partir da prática de Oficinas didáticas:
Necessidades e possibilidades dos adolescentes**

Elisa Colombini

Aprovado pela Banca Examinadora em: 16/ 02/ 2007 Nota: 93,0


Prof^ª Dr^ª Nora Ney Santos Barcelos


Prof^ª Dr^ª Fernanda Helena Nogueira-Ferreira


Prof^ª MSc. Viviane Rodrigues Alves de Moraes

Uberlândia, 16 de fevereiro de 2007

Dedico

À minha família, em especial a meus pais,
que sempre confiaram em mim e não
mediram esforços para que eu realizasse o
grande sonho de me formar.

Agradeço

A Deus, autor da minha vida. Que mesmo não merecendo, me deu a oportunidade de iniciar este curso e forças para concluí-lo.

À minha família, pelo carinho e apoio, dedicação e incentivo oferecidos antes, durante e, seguramente, por toda a minha trajetória de vida.

À Prof^a. Nora Ney, minha orientadora, pela paciência na orientação e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

À Prof^a. Viviane Moraes, por me ajudar a colocar o projeto deste trabalho em prática.

À direção, coordenação e alunos da escola campo de pesquisa.

Aos meus amigos, pelo apoio e carinho fornecidos durante todo o curso.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente na realização desta monografia.

Educação em sexualidade a partir da prática de Oficinas didáticas:

Necessidades e possibilidades dos adolescentes

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o comportamento dos alunos a partir da experiência em Educação Afetivo-Sexual de uma Estagiária de Ciências, no papel de intermediária, visando detectar necessidades e possibilidades. Utilizou-se a metodologia de Pesquisa Qualitativa do tipo Ação-Intervenção. Foi desenvolvida em uma escola da rede estadual de Uberlândia/MG, tendo como sujeitos a Estagiária de Ciências e 12 alunos de 7^a série do Ensino Fundamental. A experiência de ensino pesquisada constou de 7 Oficinas didáticas semanais consecutivas, com duração de 4 horas cada. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: Fala não gravada, Diário de Campo e Questionários. Percebeu-se a correlação de reciprocidade entre possibilidades e necessidades. Nesse sentido, a possibilidade de Socialização de idéias pelos adolescentes implicou na necessidade do comportamento ético dos membros das Oficinas. Inversamente, a necessidade de Comunicação do projeto à família, implicou na possibilidade de interatividade entre seus membros. Ilustrando: “Quando minha mãe pergunta o que eu aprendo aqui eu não paro mais de falar...”. Concluindo, a experiência pesquisada apresentou os elementos possibilidade e necessidade não lineares e possibilitou a Ação-Reflexão-Ação pelos participantes.

Palavras-chave: Educação Sexual, Sexualidade, Oficinas didáticas.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	01
II - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	06
III - AÇÃO-INTERVENÇÃO: OFICINAS DIDÁTICAS.....	09
IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	10
4.1- NECESSIDADES E POSSIBILIDADES DOS ADOLESCENTES DE EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL.....	11
4.2- POSSIBILIDADE DOS ALUNOS NA FUTURA FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES EM EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL.....	19
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

I – INTRODUÇÃO

A Sexualidade é construída a partir de três bases principais: “o potencial biológico, o processo de socialização e a capacidade psico-emocional do ser humano” (LOPES, 1993, p. 131), as quais para LIMA (1978) constituem o indivíduo de forma integral.

Este tema representa “uma grande força educativa, no sentido de ‘abrir caminhos’ para o desenvolvimento crítico dos jovens e também, como uma fonte, a partir da qual podem se desenvolver trabalhos de intervenção e prevenção que visem à conscientização dos jovens a práticas saudáveis e responsáveis” (SERRA; SILVA, 2000, p. 7).

Em primeira instância a família, como elemento formador da criança, encarrega-se da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos. Essa educação é passada de maneira informal, na convivência com as crianças, por relações sociais que favorecem trocas intensas de informações e de normas de conduta, levando à formação de um amplo conjunto de influências exercidas direta ou indiretamente sobre o indivíduo. Entretanto, em algumas situações, essas relações sociais do período da infância comprometem a posterior aproximação dos pais, durante o período de adolescência de seus filhos (SAYÃO, 1997). Contribuindo com essa percepção, TIBA (1985) afirma que os parâmetros utilizados pelos pais são constituídos, na maioria das vezes, apenas por suas próprias experiências e pelos valores sociais que adquiriram ao longo da vida. Portanto, a família deixa de ser a única instituição responsável por agir na elaboração e condução da educação dos jovens, inserindo nesses indivíduos os papéis sociais que devem desempenhar e transformando suas emoções em sentimentos organizados (RABELO; REIS 2000).

Educar sexualmente crianças e adolescentes transcende o biológico e o espaço da instituição familiar em razão das relações sociais, sobretudo, a partir de sua convivência no espaço escolar. Para FIGUEIRÓ (2004), o ensino dos aspectos biológicos e fisiológicos da sexualidade implica, também, na criação de espaços para reflexões que devem ser feitas a partir de debates, trocas de idéias e opiniões sobre atitudes, normas, valores e sentimentos ligados à Sexualidade.

Embora as informações, sozinhas, não garantam a incorporação das ações preventivas sobre os diversos temas envolvidos no Campo Afetivo-Sexual, elas ajudam na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST's, de gravidez precoce e de abuso sexual, bem como na preparação de indivíduos capazes de superar seus preconceitos, como os observados em relação a homossexuais e prostitutas (GHERPELLI, 1996; VITIELLO, 1998).

Entretanto, para CRUZ (2004) a informação é vista como um instrumento que favorece a compreensão dos fatos relacionados ao cotidiano, com o qual o adolescente pode adquirir o conhecimento necessário para relacionar suas atitudes aos fatores de risco e identificar o seu grau de maior ou menor vulnerabilidade diante da vida.

Porém, segundo FIGUEIRÓ (1998), o potencial da Educação Sexual será devidamente explorado apenas quando estiver aliado a um trabalho que ajude o educando em suas necessidades emocionais e intelectuais. Isto implica em uma metodologia que vai além da simples informação.

Partindo-se do pressuposto de que apenas a informação não é suficiente para garantir práticas sexuais seguras, é necessário que a escola esteja integrada às ações da área da saúde, fornecendo o conhecimento e o acesso do adolescente a preservativos e outros métodos contraceptivos (SANTOS; BRUNS, 1999).

Diante dessa perspectiva, a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – SEE/MG criou, em 1994, o Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS. Com a meta fundamental de formar Adolescentes Agentes Voluntários de Saúde – AAVS, o programa tem como objetivo:

“promover o desenvolvimento pessoal e social do adolescente através de ações de caráter educativo e participativo, focalizadas nas questões da prevenção das DST/HIV/Aids, da prevenção ao uso de drogas, sexualidade, e da saúde reprodutiva.”
(GOVERNO DE MINAS GERAIS, 1994).

De acordo com HASSEN (2002), a conduta adotada pelos indivíduos é produto da internalização dos valores e crenças sociais. Isto significa que o ser humano está em constante processo educativo em relação à sua Sexualidade nos âmbitos familiar e social. Contudo, existem aspectos sócio-culturais que dificultam a aquisição de responsabilidades. De uma outra contribuição tem-se: para que os jovens assumam a sexualidade com responsabilidade, eles devem deparar-se com circunstâncias diretamente ligadas a valores e crenças, muitas vezes adversos à cultura sexual da sociedade e que é através de temáticas específicas que o adolescente

adquire o conhecimento necessário para poder relacionar suas atitudes aos fatores de risco e poder identificar o seu grau de maior ou menor vulnerabilidade diante da vida (TIBA, 1993).

FRANÇOSO e colaboradores (2001) indicam que há uma série de dificuldades a ser enfrentada pelo adolescente para que ele consiga tomar decisões e se afirmar diante do seu grupo. Segundo dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 1999), conflitos emocionais e relacionamentos instáveis também são bastante evidenciados nesta fase da vida.

De fato, tem-se atribuída à adolescência a definição do papel social a ser assumido pelo adolescente, o seu despreparo para compreender e desfrutar da sua Sexualidade e o equilíbrio entre a satisfação do seu desejo e a permissão social do mesmo (LOPES, 1993). É preciso compreender que a Educação Sexual oferecida na adolescência implica na (re)educação daquilo que foi assimilado na infância.

Algumas preocupações decorrentes do período da adolescência nas relações sociais vivenciadas com os membros da família, com os amigos e com os namorados, foram extraídas de Cartas escritas por um grupo de adolescentes de 7^a e 8^a séries, durante o Projeto de Extensão PEIC¹.

Quadro 1 - Preocupações aparentes e escondidas dos adolescentes – PEIC.

Relação social	Preocupações explícitas	Preocupações implícitas
Família (pais, irmãos)	<ul style="list-style-type: none"> • Desconfiança familiar; • Ausência paterna; • Falta de privacidade; • Falta de liberdade; • Ciúme da mãe; • Falta de dialogo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desconfiança no pai; • Carência afetiva; • Necessidade de diálogos; • Culpa por desrespeito; • Medo de decepcionar; • Manutenção familiar.
Amigos	<ul style="list-style-type: none"> • Querem manter a amizade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Medo de decepcionar; • Medo da desonestidade; • Desejo de ser feliz.
Namorados (as)	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de atitude; • Proibição de amizades; • Ciúme e traição; • Insegurança do parceiro; • Medo de sofrer. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desconfiança em ser amado (a); • Medo de ser infeliz; • Vergonha em relação ao sexo oposto.

¹ PEIC-UFU – Programa de Extensão Integrado Comunidade e Universidade, realizado em parceria com uma Escola da rede Estadual, que faz parte do Programa Afetivo-Sexual-PEAS-SEE-MG, em 2005.

Para SERRA e SILVA (2000), todas as pessoas envolvidas com o adolescente contribuem para o seu processo de Educação, sendo importante envolver os adultos que participam do cotidiano do adolescente no contexto educativo, para criar uma filosofia que seja compatível com as ações pretendidas; fazendo-se fundamental o desenvolvimento de uma cultura favorável à diminuição da vulnerabilidade.

As contribuições teóricas, até o momento, acenam para a preconização de um trabalho educativo de prevenção à vulnerabilidade, considerando o grupo coletivo de convivência do adolescente escolar. Seguindo essa linha, RABELO e REIS (2000) sugerem que, de forma geral, todos os setores envolvidos com os adolescentes se articulem em uma proposta abrangente de melhoria de sua saúde e qualidade de vida.

Nesse sentido, GHERPELLI (1996) considera importante que a escola, por ser uma das responsáveis pela formação de cidadãos, se comprometa a promover relações interpessoais mais respeitadas e solidárias, que possam garantir uma maior qualidade de vida a seus alunos e à comunidade. Assim, a rede escolar, que tem como público-alvo os adolescentes em diferentes faixas etárias, deve incentivar o desenvolvimento de projetos ao nível de compreensão dos diversos grupos que abrange e atuar de forma sistemática com atividades de promoção, prevenção e atenção à saúde.

Os trabalhos de Educação ligados a questões de Afetividade, envolvem a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo em que estão inseridos, sobretudo os escolares, nos quais, segundo HASSEN (2002), o contato entre os jovens é muito próximo.

Apesar disso, a maior parte dos discursos de Educação Sexual que ocorrem no espaço escolar trata o sexo como algo exclusivamente pertencente ao campo biológico-reprodutivo (RUZANY, 2000). Segundo FIGUEIRÓ (1998), existem fatores como a falta de tempo, o despreparo ou a falta de disposição de professores e/ou pessoas ligadas à gestão. Esse fato contribui para que apenas algumas atividades escolares levem os alunos à reflexão sobre o assunto, evidenciando o sexo apenas do ponto de vista biológico.

Por isso, o trabalho em Núcleos formados por adolescentes se torna facilitado, pois eles utilizam uma metodologia facilmente compreendida por seus colegas, tornando mais efetivas as ações de prevenção de saúde (CRUZ, 2004). Porém, para que seja realmente eficaz, é necessário que haja a participação ativa da juventude em seu processo educacional, através de um trabalho: -

cooperativo, visando a participação e contribuição conjunta dos participantes, a fim de que os objetivos pessoais comuns sejam atingidos; - colaborativo, com a troca de materiais encontrados, onde, individualmente, cada integrante dá sua contribuição; e - interativo, tornando o trabalho integrado e assim, apresentando resultados mais significativos aos participantes (RABELO; REIS, 2000).

Com base no que foi descrito pela literatura, parece que a escola apresenta dificuldades para criar um grupo de pessoas que, uma vez sensibilizado, preparado e comprometido com as questões Afetivo-Sexuais dos adolescentes, possa envolver, além deles, outros indivíduos do seu convívio, por exemplo: familiares, amigos extra-escolares, professores, gestores e funcionários, para juntos refletirem e se (re)educarem sobre atitudes e expressões que possibilitem uma tomada de decisões mais responsável, consigo e com o próximo em relação à Sexualidade.

A presente pesquisa teve como problema a transformação de um ambiente escolar, em geral pouco explorado, como espaço propício para discussões sobre a Sexualidade, implicando a formação bio-psico-social de seus alunos.

Dentro deste contexto, o objetivo dessa pesquisa foi:

- Investigar o comportamento dos alunos a partir da experiência em Educação Afetivo-Sexual de uma Estagiária de Ciências, no papel de intermediária, visando detectar necessidades e possibilidades.

Espera-se que essa pesquisa contribua com os profissionais de educação e indiretamente com as famílias, no sentido de despertar novas formas de dialogar sobre questões inerentes às relações interpessoais escolares, familiares e sociais.

II – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa do tipo Ação, na qual a pesquisadora teve sua participação efetiva na situação pesquisada, uma ação que para CHIZZOTTI (1991) deve ser cautelosa e conjunta ao grupo envolvido nesse trabalho.

O campo dessa pesquisa foi uma escola estadual de Uberlândia - MG, que atende alunos de diversos bairros da cidade. A escola, como espaço de ação educativa e de pesquisa, foi escolhida por ser um local universal de encontro de adolescentes e de educação de forma sistematizada. Neste campo, pesquisaram-se situações de ensino e de aprendizagem de uma Estagiária de Ciências que era a própria pesquisadora.

Não foi tão fácil para esta Estagiária, que há pouco tempo havia chegado à escola, conseguir constituir um campo aparentemente propício à pesquisa, de forma a contribuir para sua integração com os membros da escola, sobretudo com a diretora, para viabilizar a pesquisa, que de certa forma, integraria as duas modalidades de formação acadêmica: Licenciatura e Bacharelado, pois a professora era a própria pesquisadora.

Diante das dificuldades, a Estagiária de Ciências, decidiu pela realização da pesquisa de sua própria experiência de ensino, independente da participação de profissionais da escola, o que não inviabilizou a participação da especialista da escola nas Oficinas didáticas, mesmo que seu interesse foi apenas inicial e temporário.

Portanto, a amostra da pesquisa foi, inicialmente, composta de vinte e um alunos de seis classes de 7ª série do Ensino Fundamental, do período matutino, sendo oito meninos e treze meninas e uma das duas especialistas pedagógicas da escola. A escolha por essa série se deu em razão de que esses alunos, pelo seu conhecimento e maturidade, poderiam posteriormente dar continuidade ao projeto, junto a colegas de séries anteriores.

Ao longo da pesquisa, de uma forma natural, a amostra final foi sendo definida, tendo como base o interesse dos alunos que acabava resultando na freqüência e participação durante as discussões. Essa amostra se compôs de doze alunos, sendo que a especialista deixou de participar do projeto justificando falta de tempo.

Estes doze alunos, efetivamente, fizeram parte da pesquisa, pois foram freqüentes e pontuais durante todo o período de desenvolvimento das Oficinas didáticas. Apenas uma aluna

entre os demais que constituíram a amostra inicial deixou de comparecer a partir do terceiro encontro. Portanto, nossa análise foi feita considerando esses doze alunos.

Na coleta dos dados foram utilizados alguns Instrumentos descritos por BARROS e LEHFELD (1986), tais como:

- *Fala não gravada*, que durante os debates era redigida pela professora no papel de pesquisadora, partindo do pressuposto de que apenas a escrita poderia limitar a expressão dos alunos e com isso, comprometer o aprofundamento das discussões que levariam aos dados da pesquisa;
- *Questionários*, para evidenciar a possível evolução conceitual de cada integrante do grupo, individualmente.

Além destes recursos, havia também o *Diário de Campo*, redigido pelos alunos para contribuir com os Questionários, no sentido da avaliação dos possíveis avanços conceituais e atitudinais, ao longo do processo.

O objeto da pesquisa constituiu de um Projeto de Educação Sexual da referida Estagiária de Ciências, o qual se compôs de sete Oficinas didáticas, que segundo AFONSO (2006) apresentam compatibilidade com os pressupostos de uma Pesquisa Qualitativa. Assim, tornaram-se um importante recurso pedagógico para a coleta de dados.

Foram aplicados três Questionários para os alunos, em momentos distintos. O primeiro foi aplicado no início da primeira Oficina, o segundo ao final da quarta Oficina e o terceiro ao final da sétima Oficina. Tais questionários foram compostos das seguintes questões:

Questionário 1: A sua opção em participar desta Oficina, que discutirá as questões Afetivo-Sexuais, se deu considerando qual necessidade?

Questionário 2: Que conceitos e atitudes as Oficinas têm levado você a refletir? Que atitudes você está julgando mais fáceis e mais difíceis de serem colocadas em prática, nas relações com família, amigos e namorados, com relação às Oficinas? Você acha que as Oficinas estão contribuindo com a sua reeducação Afetivo-Sexual? Em sua opinião, qual deve ser o perfil dos alunos que estão preparados para atuar em futuros projetos de Educação Sexual?

Questionário 3: Você acha que as Oficinas estão contribuindo com a sua reeducação Afetivo-Sexual? Em sua opinião, qual deve ser o perfil dos alunos que estão preparados para

atuar em futuros projetos de Educação Sexual? Você acha que se encaixa nesse perfil? Se a resposta anterior for afirmativa e tendo por base o que foi aprendido, elabore um pré-projeto para que seja realizado no futuro, com as pessoas que compartilham da mesma opinião que você.

III - AÇÃO-INTERVENÇÃO: OFICINAS DIDÁTICAS

As Oficinas foram realizadas, de setembro a outubro de 2006, em sete encontros semanais consecutivos, com duração de quatro horas cada, às terças-feiras e extra-horário, para alunos de 7ª série de uma escola estadual.

As Oficinas desenvolvidas pela Estagiária tinham como objetivo caracterizar a adolescência, discutindo as mudanças corporais e psicológicas que acontecem com o indivíduo nessa fase, contextualizá-las no cotidiano dos alunos e tentar estabelecer suas relações com o futuro. Para isso, foram abordadas os seguintes questionamentos:

- O adolescente em relação ao seu corpo, bio-psico-social, para tanto, apresentando-lhes a seguinte questão: Quem sou eu? Visando sensibilizar o grupo sobre a Sexualidade na adolescência e focalizando os aspectos Afetivo-Sexuais.
- Relações sexuais - Ter ou não Ter? Quando? Quais as suas repercussões bio-psico-sociais na adolescência?
- Nosso Projeto de vida para o futuro e o nosso Projeto de reeducação continuada na escola.

Todas as Oficinas foram realizadas tendo em vista uma metodologia semelhante à proposta pelo Governo de Minas Gerais, através da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais – SEE/MG (1994), intitulada como Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS. Resumindo tal proposta têm-se como procedimentos norteadores:

- 1- Aquecimento para o tema, levantando os conhecimentos prévios, mudanças corporais e suas relações interpessoais;
- 2- Integração (atividades de dinâmicas ou vivências);
- 3- Reflexão dialógica, trabalhando-se as informações da mídia e a aplicação do tema no cotidiano;
- 4- Avaliação, meta cognição e síntese (O que fizemos? Para que fizemos?).

Portanto, foi nesse contexto educativo sobre questões Afetivo-Sexuais que a pesquisa foi desenvolvida.

IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Foi possível perceber que, em geral, as tentativas da Estagiária durante o processo das Oficinas didáticas foram pautadas na reflexão pessoal, confronto de idéias, surgimento de diferentes pontos de vista e a busca de novos referenciais para a vivência da Sexualidade. Uma metodologia que poderia favorecer a utilização dos instrumentos de coleta de dados selecionados nesta pesquisa.

Provavelmente, por falta de maior controle na identificação dos dados, por exemplo, a fala com o próprio sujeito envolvido, no caso os alunos, não foi possível estabelecer um referencial individual marcando sua evolução e nem na perspectiva de indicá-los como tendo potencial para Multiplicadores.

No início da primeira Oficina, foi possível perceber que os alunos não apresentavam maiores dificuldades para nomear estruturas anatômicas em desenhos apresentados, como também para falar do funcionamento do sistema reprodutor, principalmente do feminino.

Talvez, estes alunos refletiam, naquele momento, um conhecimento derivado da 4ª série e de outras informações obtidas pela mídia, por exemplo. Como este grupo era composto de mais alunas que alunos, não é possível fazer nenhuma inferência de que o feminino seja mais explorado que o masculino. Por outro lado, esse dado pode significar maior interesse dos alunos em conhecer o corpo feminino e/ou o constrangimento das meninas de exporem o que sabem a respeito do outro sexo estando em um ambiente formado por pessoas de ambos os sexos. Talvez, se a professora tivesse iniciado o trabalho de forma separada, os resultados seriam outros.

Posteriormente, a análise aconteceu, sem comprometer a relevância da pesquisa, explorando os dados dos sujeitos de forma coletiva, a partir de dois focos, o que de alguma forma está previsto tendo em vista alguns pressupostos da pesquisa qualitativa.

No 1º foco discutiu-se as necessidades e possibilidades explicitadas pelos alunos durante as Oficinas didáticas;

No 2º foco buscou-se explorar que elementos poderiam ser indicadores de possibilidade ou não, do grupo de alunos envolvidos nas Oficinas de se tornarem, futuramente, Multiplicadores em Educação Afetivo-Sexual.

4. 1 Necessidades e possibilidades dos adolescentes de (RE)Educação Afetivo-Sexual

Durante a apresentação das Oficinas, um grupo de alunos quis saber se as dúvidas deveriam se socializadas de forma escrita ou oral. A título de exemplo, um aluno disse:

“Professora, a gente tem que escrever as perguntas ou pode falar?”

Entre estes adolescentes já é possível afirmar que um deles não tem dificuldades em se expor a um grupo de colegas, formado recentemente, mas da mesma faixa etária.

Importa ressaltar que entre os doze alunos, sete se mostraram mais interativos, reflexivos e comunicativos, enquanto que os demais não tiveram esse tipo de comportamento. Ilustrando:

“A gente expõe o que pensa e vocês não, isso não vale.”

“Vocês não vão falar nada, não?”

“Ou todo mundo fala ou eu também não vou falar mais nada.”

Uma postura que parecia refletir o desejo de alguns de reverter essa situação para que aquele grupo pudesse ser estabelecido enquanto espaço de (re)educação, principalmente em relação a elementos psico-sociais e biológicos da Sexualidade.

Para HASEN (2002) esse tipo de comportamento é comum, pois a sociedade trata a temática sexual de forma distante, fazendo com que os jovens que estão se descobrindo nesse campo, tenham vergonha de se expor.

Conforme as semanas foram passando, a interação entre os adolescentes foi aumentando e os alunos mais tímidos começaram a participar mais.

Provavelmente esses alunos foram, gradativamente, sentindo-se mais confiantes e seguros. Foi possível perceber que as participações aumentaram, a princípio, em pequenos grupos, onde inicialmente discutiam os assuntos trabalhados e posteriormente, durante os debates que envolviam a todos. Uma possibilidade, de certa forma, esperada pelos educadores.

Segundo GHERPELLI (1996), mesmo compondo o mesmo grupo escolar, torna-se necessária à criação de uma “rede de sustentação”, que permita ao adolescente contar a sua história e sua versão dos fatos.

É interessante relatar que nos momentos em que a Especialista da escola estava presente nas Oficinas, alguns desses alunos se mostraram muito constrangidos.

Provavelmente, não por ser uma pessoa externa à escola e de pouca convivência, mas por sentirem a necessidade de maior interatividade e confiabilidade.

Nas Oficinas de Educação Sexual, enquanto existia a presença dessa pessoa, os debates e discussões ficavam comprometidos.

Talvez porque a Estagiária, atendendo a um pedido da Especialista para ficar no papel de observadora, não tentou inseri-la no grupo. Contribuindo para nossa análise registros contidos nos *Diários de Campo* foram extremamente úteis para nossa análise. Veja:

“Professora, ela vai ficar aqui sempre, porque se for eu não vou mais falar nada...”

“Não queria que ela ficasse na sala... olhando tudo que a gente faz.”

Em geral, alguns teóricos e o cotidiano da escola têm se mostrado favorável a que membros da administração e da equipe pedagógica se envolvam com projetos educativos, tanto propostos pela escola quanto por pessoas externas, como na situação da Estagiária de Ciências.

De certa forma, atender a tais recomendações não parece ser uma tarefa simples, pois depende de planejamento e preparação coletivos, o que efetivamente não aconteceu na experiência pesquisada. Este fato pode ter comprometido o objetivo das referidas Oficinas, naquele momento, apesar de que são indicadores de alerta aos educadores e de referência para novas pesquisas.

Nesse sentido, HASSEN (2002) explica que de fato, em situações em que existe exposição de idéias e atitudes frente a um observador passivo, que aparentemente apenas avalia o grupo que desenvolve o trabalho, acontece intimidação dos envolvidos, como consequência, do não estabelecimento de vínculo com os observadores.

Segundo BARCELOS (2001) existem professores que faltam com compreensão, respeito e ética para com os alunos. A ponto dos alunos dizerem: “alguns falam mal dos alunos e da turma e que suas aulas são monótonas” (p. 22). Há professores, no entanto, que relatam: “aprendi com meu colega da escola que não se deve chamar a atenção dos alunos em sala de aula quando a questão é mais seria” (p. 86).

Especificamente na área da Sexualidade, importa ressaltar uma experiência vivenciada pela referida autora com alguns de seus estagiários de Ciências Biológicas, em um projeto intitulado: “Adolescência, Sexualidade Humana e Prevenção: uma intervenção de uma equipe

com a comunidade escolar”, realizado em 2000, em uma escola de ensino fundamental de Uberlândia, que traz: “alguns alunos da 5ª e 6ª série não concordavam que os professores participavam das atividades, alegando timidez” (p. 63).

Talvez essa vivência ajude a explicar os motivos que levam os alunos a não quererem a participação de pessoas não escolhidas, pois alguns professores faltam com a ética e o respeito no trato com os alunos. Porém, o trabalho traz que nem todos têm essa postura, sinalizando para a possibilidade de mudança atitudinal que pode resultar na confiança dos alunos.

Os adolescentes afirmaram que conversam sobre assuntos Afetivo-Sexuais com seus amigos ou familiares mais distantes. Fato relatado em alguns *Diários de Campo*. Por exemplo:

“Converso com meus amigos. Porque não vão me bater, nem nada.”

“Converso com o meu primo. Eu escolhi por que eu tenho mais facilidade de falar com ele do que qualquer um”.

Tal dado pode resultar da possibilidade que os alunos sentem de confiar nas pessoas que escolheram e/ou por temerem uma reação repressora de seus pais, em situações de confidências.

Contribuindo com essa hipótese, temos:

“... tenho medo de falar com a minha mãe ou com o meu pai.”

“Não falo nada pra minha mãe porque ela acha que menina não pode fazer nada.”

“As coisas em casa são bem diferentes. A minha mãe comenta sobre aspectos sexuais, mas nunca pode praticar por sermos meninas.”

De fato, vivencia-se uma transitoriedade de gerações, na qual os papéis de gênero, pré-estabelecidos, ainda são muito evidentes. Além disso, são gerações que têm olhares distintos em relação ao comportamento sexual, tendo em vista crenças e valores pessoais. Não deixa de ser uma forma de justificar, pela via do gênero, uma postura que não aprova, mas que não consegue expressar naturalmente. Com isso, os pais, em geral, tentam impor o padrão de comportamento aos filhos que é assimilado como regra e que acaba não sendo aceito pela maioria.

O feminino permanece associado ao espaço privado da família, apesar das mulheres estarem atuando, cada vez mais, no espaço público. Isso dificulta a aquisição de novas identidades sociais (LIMA, 1978).

O adolescente deve ser ouvido, pelos pais, em todas as fases do seu desenvolvimento psíquico, para evitar que percam espaço de companheiros dos filhos. De fato, na adolescência os

contatos entre jovens de sexos opostos acontecem de forma natural e os deixa mais seguros. Isso contribui para estreitar suas relações de amizade (TIBA, 1993).

Durante uma atividade de produção de texto de uma das Oficinas didáticas, dois adolescentes escreveram em relação à opinião de seus pais sobre Educação Sexual.

“Isso é coisa que se fale? Pede para sua professora te explicar.”

“Isso é coisa que se aprende sozinho, quando tem de ser.”

Isso mostra que ainda existe família que transfere a responsabilidade que lhe é conferida para outros.

Nesse sentido, SAYÃO (1997) diz que é necessário que os pais não se omitam durante a educação de seus filhos, pois para tal é necessário não ignorar os diferentes contextos dos adolescentes. Além disso, a autora afirma que, na maioria das vezes, as crianças e adolescentes são silenciados e induzidos pelos adultos a questionar e responder de acordo com o padrão de conduta e moral pré-estabelecidos.

Sobre as fontes de informação sobre Sexualidade, a resposta de todos foi: “Na internet.”

Continuando, um aluno completou: “algumas perguntas eu faço para o meu pai ou para meu tio, mas só as mais leves.”

Nesse momento, a Estagiária fez uma intervenção: “Que perguntas leves são essas?”. Ele respondeu: “Ah, sobre beijar, só.”

Esse fato reforça a vergonha que alguns adolescentes ainda sentem na operacionalização do diálogo entre filhos e pais, tão preconizado pela sociedade, como se isso fosse possível por meio de uma mudança brusca de comportamento. É continuando a viabilizar o trabalho da escola em relação à Sexualidade que pequenas mudanças são possíveis de acontecer naturalmente nas relações sociais, sobretudo quando implicam valores entre gerações.

Segundo GHERPELLI (1996, p. 63), na procura por conhecer as “verdades sexuais que possam responder às suas ansiedades”, os jovens utilizam meios que escapam à disciplina familiar e escolar, que, na maioria das vezes, lhes negam uma visão mais ampla da sexualidade.

Com base nos dados obtidos a partir do segundo *Questionário* aplicado, ao final da quarta Oficina didática, percebemos que alguns alunos já se mostravam sensibilizados em relação ao diálogo familiar. Ilustrando:

“Já estou começando a conversar com a minha mãe, mas meu pai ainda não.”

“Quando minha mãe pergunta o que eu aprendo aqui eu não paro mais de falar. Antes eu tinha mais vergonha que agora.”

Neste caso, essa mãe recebeu de sua filha o Documento emitido pela escola solicitando autorização da família. Tal documento deveria ser apenas de comunicação, com o objetivo de favorecer a interatividade dos membros da família entre si e destes com a escola. Isso porque alguns alunos, participantes das Oficinas, não devolveram o documento e nem por isso, foram impedidos de participar.

A mudança dessa aluna acena para uma possibilidade, ou seja, pode estar acontecendo em virtude dos pais se interessarem pelo que sua filha estava aprendendo, especificamente neste caso, sobre Sexualidade nas Oficinas didáticas. Um comportamento que deveria acontecer em relação ao aprendizado como um todo.

Entretanto, não foi assim que aconteceu em relação a interatividade entre os membros da família de um outro aluno, especificamente, um filho e seu pai:

“Um dia meu pai me perguntou o que eu aprendo aqui e eu fingi que não escutei e sai da sala.”

Essa necessidade do aluno pode ser um indicador da falta de conhecimento, que acaba comprometendo a confiança, uma vez que, apenas a informação não é suficiente.

Nesse sentido, TIBA (1993) afirma a importância dos pais iniciarem os debates com os filhos. Como nem sempre se sentem preparados, é possível que utilizem como válvula o interesse pelas atividades desenvolvidas pelos filhos.

O interesse dos alunos variava de acordo com o significado que o tema abordado tinha para cada um. Nesse sentido, as Oficinas que tratavam de AIDS e prevenção à gravidez na adolescência, contavam com maior interesse, quando comparados ao planejamento familiar compreendido em situação mais estável de relacionamento. Esse dado foi relatado no primeiro *Questionário*, quando escreveram porque optaram por participar das Oficinas. Veja:

“Para aprender a se prevenir da AIDS.”

Seguindo essa visão, o *Diário de Campo* de uma aluna traz:

“Não tenho medo do sexo, tenho medo só de engravidar agora porque eu não ia poder criar uma criança.”

Parece que para os adolescentes, o planejamento familiar envolve apenas pais e filhos. Porém, atualmente os filhos passam mais tempo na casa dos pais, sendo importante que se seus filhos também façam parte dele. Portanto, é necessário que a forma de pensar seja ampliada.

De um texto sobre as relações sexuais dos jovens, produzido no *Diário de Campo*, durante as Oficinas, extraiu-se que os adolescentes não estão pensando na vulnerabilidade sexual à qual estão expostos. Por exemplo:

“Se está lá, no clima, não interessa se tem ou não camisinha... se não a menina vai pensar o que?” (um aluno)

“Muitos meninos não aceitam usar camisinha e não é só por isso que não vou transar” (uma aluna)

“Quem ama confia, se ele falar que não está doente, não tem problema...” (uma aluna)

São indicadores da necessidade dos adolescentes em relação ao uso de preservativos, que não constitui um obstáculo ao exercício da Sexualidade, mesmo com o aumento da AIDS e da gravidez não-planejada.

Nessa perspectiva, RUZANY (2000) afirma existir fatores culturais, tais como o uso de álcool e drogas, a repressão sexual e a prostituição, envolvidos na falta de uso de preservativos, deixando os jovens em situações de risco, tanto no que se refere à gravidez precoce, quanto às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST's.

No tempo destinado à elaboração de síntese dos trabalhos do dia, os adolescentes conversavam muito, pediam para sair da sala e eram muito sucintos, conforme dados dos *Diários de Campo*. Quando questionados verbalmente sobre os motivos que os levavam a tais atitudes, as respostas que surgiam eram:

“A gente está cansado. Já ficou o dia inteiro na escola. Quero ir embora.”

“Ah, professora, eu não gosto de escrever.”

De fato, a Oficina pressupunha em seu fechamento a elaboração de síntese, mas, provavelmente, a Estagiária não esperava que escrever sobre o tema abordado, em um trabalho extracurricular, seria um obstáculo para os alunos. Embora algumas atividades de Educação Sexual priorizam vivências e verbalização, no espaço escolar, compreende-se que não se deve perder a oportunidade da sistematização das idéias na linguagem escrita, como um momento a mais para a reflexão e avaliação da aprendizagem pessoal.

As crenças Sexuais que apareceram durante as Oficinas referiam-se às formas do ato sexual em relação à gravidez e às formas de comportamento em relação aos preservativos. Ilustrando:

“Transar em pé engravida?”

“Sexo oral engravida?”

“Se os dois usarem camisinha a proteção vai ser maior?”

“A mulher pode transar grávida?”

Sem explorar com os aspectos anato-fisiológicos da reprodução humana, o conhecimento do adolescente fica comprometido, embora estes devem ser integrados aos aspectos psicossociais. Provavelmente, tais crenças advêm de informações que os adolescentes adquiriram no cotidiano e que, na escola, precisa ser transformado em conhecimento.

Se por um lado defendemos a necessidade da devida preocupação com os aspectos biológicos da Sexualidade, por outro lado, RUZANY (2000) afirma que os mitos e tabus relacionados à gravidez, métodos anticoncepcionais, amamentação, DST's, não devem ser tratados apenas no campo biológico.

As Oficinas didáticas pesquisadas trazem dois indicadores:

- a) **Possibilidades e necessidades não são elementos lineares;**
- b) **Possibilidades podem gerar necessidades e vice-versa.**

Nesse sentido, encontra-se:

POSSIBILIDADES**NECESSIDADES**

- Socialização de idéias pelos adolescentes. → Comportamento ético dos membros das Oficinas.
- Interatividade entre os membros da família. ← Comunicação do projeto à família.
- Conhecimento dos aspectos biológicos da sexualidade. → Integração deste com os aspectos psicossociais.

4. 2 Possibilidade dos alunos na futura formação de Multiplicadores em Educação Afetivo-Sexual

Considerando o terceiro *Questionário* que objetivava conhecer um pouco mais os alunos que estavam participando das Oficinas, obtiveram-se dados, que a princípio, pareciam pouco significativos, em se tratando de que o foco seria fazer uma leitura deles para averiguar a possibilidade de futuramente ingressarem no Programa de Educação Afetivo-Sexual - PEAS da escola. A pesquisa mostrou elementos, não que os indiquem para tal fim, mas que poderão subsidiar a escola na fase de montagem dos critérios para seleção. Ilustrando com elementos que indicam que a **Ação (Oficina didática) levou à Reflexão.**

Os elementos são de natureza psicológica, social e conceitual.

“Se eu for multiplicador, não vou mais poder ficar saindo ‘ficando’ por aí, vai pegar mal se alguém do grupo me ver.”

“Não me sinto preparado, porque não sei muita coisa e sou tímido.”

“Não me dou bem para falar em público, mas queria continuar freqüentando as Oficinas.”

“... ainda tenho muitas dúvidas.”

“... sou tímida e o tempo foi pouco para ensinar tudo que precisamos saber.”

GHERPELLI (1996) coloca que o processo de aprendizagem corresponde a uma assimilação por meio da reflexão, levando em conta o contexto sócio-cultural e os problemas a serem enfrentados e estimulando a iniciativa.

A última etapa da Oficina consistiu da montagem de um projeto de Educação Afetivo-Sexual que eles gostariam de desenvolver na escola. Os elementos evidenciados indicam o efeito da **Reflexão em busca de novas Ações** (pré-projeto).

Do grupo pesquisado, inicialmente, apenas sete adolescentes tentaram desenvolver tal tarefa, posteriormente, os demais se juntaram a este grupo. O planejamento deles constou de ampliar o período do projeto; ser voltado para um grupo de colegas com mais afinidade; ser extracurricular; e com os mesmos temas e procedimentos. Entretanto, o projeto, até aquele momento, não tinha um coordenador para fazer o devido acompanhamento. Um aspecto interessante é que eles não incluíram a família nem membros da escola. Veja:

“Aprendemos a nos comunicar melhor sobre o assunto... Queremos ser multiplicadores...”

“Queria poder passar o que eu sei para os outros.”

“Só me inscrevi para participar do projeto porque tinha curiosidade em aprender sobre técnicas contraceptivas e AIDS.”

“Mas vai mesmo ter que ficar alguém da escola aqui com a gente?”

Segundo FIGUEIRÓ (1998), o fato de o adolescente haver participado de um treinamento não assegura que ele consiga por em prática aquilo que foi aprendido, pois este tipo de trabalho envolve fatores pessoais e de ordem exterior o que dificulta a prática educacional.

Com base na análise dos dados obtidos pelo terceiro *Questionário*, nota-se o caráter de **Ação-Reflexão-Ação** adotado pelos participantes. Como exemplo, tem-se a preocupação de um participante de como suas futuras ações serão vistas pelos colegas se algum dia tornar-se Multiplicador (“...ficar sair ‘ficando’...”).

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

De toda a pesquisa pode-se retirar cinco contribuições marcantes. A saber:

- a) As Oficinas didáticas parecem ter configurado uma estratégia metodológica interessante, tanto para o ensino quanto para a pesquisa, especificamente porque contemplam uma seqüência de etapas que implicam diagnóstico, desenvolvimento e avaliação.
- b) Dos três instrumentos para a coleta de dados: Questionário, Diário de Campo e Fala não gravada, compete fazer algum destaque ao último, principalmente quando se trata de um pesquisador iniciante como na situação em questão. Pelo exercício do duplo papel, ou seja, do ensino e da pesquisa, foi constatada a dificuldade de registrar dados pontuais, que poderiam ter contribuído melhor com a pesquisa. Em decorrência disso, diminui-se o corpo de dados e comprometeu-se a análise dos mesmos, que poderia ser mais aprofundada.
- c) Um trabalho de Educação Afetivo Sexual não deve permitir a participação de pessoas, mesmo ligadas à escola, cuja presença não foi, previamente, negociada pelo grupo.
- d) Outra contribuição é a dificuldade de se formar multiplicadores, principalmente numa temática tão complexa, que implica pensar, sentir e agir, num sentido de Ação-Reflexão-Ação. Sobretudo considerando-se um período muito curto (aproximadamente 60 dias). Porém, não deixou de ser um trabalho positivo, por ter uma pessoa externa que conseguiu interesse e reconhecimento dos alunos durante a experiência pesquisada.
- e) As possibilidades e necessidades dos alunos participantes do trabalho de Educação Afetivo-Sexual não se configuraram como elementos lineares, mas sim recíprocos.

Foi possível perceber a necessidade de continuar desenvolvendo Projetos de Educação Sexual na escola em questão, uma vez que a Sexualidade está associada à própria construção da identidade do indivíduo e sob influência da cultura e normas sociais. Entretanto, o projeto precisa representar uma demanda coletiva da escola mesmo quando puder contar com uma colaboração externa, por exemplo, no caso da Estagiária de Ciências.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: A casa do psicólogo, 2006. 172 p.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1986. 132 p.
- BARCELOS, N. N. S. **A prática e os saberes docentes na voz de professores do ensino fundamental na travessia das reformas educacionais**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação), 143 f. Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF, 1999. 303 p.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. 164 p.
- CRUZ, M. A. Tese aponta equívocos da educação sexual em escolas. In: _____ **Jornal da Unicamp**. Sala de Imprensa. Campinas: Unicamp, v. 250, p. 06, 2004.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. O preparo do educador sexual. In: _____ **Revista do Centro de Ciências da Educação**. São Paulo: Perspectiva, Sexualidade e Educação, v. 16, n. 30, p. 89-114, 1998.
- _____. **Grupo de Estudos sobre Educação Sexual na UEL**. Notícia digital, Londrina, 17 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- FRANÇOSO, L. A.; GEJER, D.; REATO, L. F. N. **Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2001. 303 p.

- GHERPELLI, M. H. B. V. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. In: _____ **Série Idéias**. São Paulo: FDE, v. 29, p. 61-72, 1996.
- GOVERNO DE MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. Portal de Informações. **Programa Afetivo-Sexual**. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/politicas_de_saude/programa-educacao-afetivo-sexual>. Acesso em: 01 fev. 2006.
- HASSEN, M. N. A. Grupos Focais de Intervenção no projeto Sexualidade e Reprodução. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 08, v. 17, p. 159-177, 2002.
- LIMA, D. M. **Comportamento Sexual do Brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: F Alves, 1978. 217 p.
- LOPES, G. **Sexualidade Humana**. 2. ed. São Paulo: Medsi, 1993. 364 p.
- RABELO, A. O.; REIS, M. A. G. S. (Re)invenção da Escola Pública: A sexualidade e a Formação Continuada dos Jovens Professores. In: _____ **Semana de Debates Científicos**, 2000, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UNI-RIO, 2000.
- RUSANY, M. H. **Mapa da situação de saúde do adolescente no Município do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado (Doutorado em Saúde Pública), 113 f. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.
- SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. **A Educação Sexual Pedre Espaço: Novos Horizontes Para a Práxis Pedagógica**. São Paulo: Ômega Editora e Distribuidora Ltda, v. 1. 2000. 114 p.
- SAYÃO, R. A educação sexual nossa de cada dia. In: _____ **Série Idéias**. São Paulo: FDE, v. 28, p. 269-281, 1997.
- SERRA, A. S. L.; SILVA, M. E. (Org.). **Adolescentes promotores de saúde: uma metodologia para capacitação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 114 p.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência**. São Paulo: Ágora, 1985. 236 p.

_____. **Sexo e adolescência**. São Paulo: Ática, 1993. 95 p.

VITIELLO, N. Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. **Revista Brasileira de Medicina**. São Paulo: Moreira Júnior, v. 55, p. 5-9, 1998.